

tudo na vizinha Espanha; doutro fazia parte uma composição policroma de $1^m,81 \times 1^m,12$, que o Sr. Dr. Mendes Correia julga ser a representação muito estilizada do ídolo eneolítico.

Estamos assim em presença doutra importante estação pre-histórica, possivelmente relacionada com o núcleo castrejo do *Alto de S. Lourenço* (929 metros). E que as descobertas nela feitas não podem considerar-se isoladas, demonstra bem a proximidade doutros monumentos megalíticos com pinturas junto da vizinha povoação de Queiriga (concelho de Vila Nova do Paiva), há anos descobertos e estudados pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (*Religioes da Lusitania*, vol. 1).

É mesmo de crer que outras descobertas da mesma natureza venham a realizar-se naquelas paragens, contribuindo para enriquecer a por emquanto reduzida documentação que possuímos para esse interessante capítulo da arte rupestre em Portugal.

A. DE AMORIM GIRÃO.

Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa

A Sé de Lisboa, já pela sua antiguidade, quasi oito séculos, já pela sua importância como catedral da primeira cidade portuguesa, é valiosíssimo repositório de inscrições sepulcrais, que abrange, apesar dos repetidos desmoronamentos, um largo período que vai talvez do fim do século XII até o fim do século XVIII.

Ali encontra o estudioso os diversos tipos de estilo lapidar usados durante esse longo espaço de tempo, desde a breve inscrição que apenas indica, por entre misteriosas abreviaturas, pouco mais que um nome e a data duma morte, ao extenso epitáfio que enumera as virtudes, os altos cargos, as honras recebidas. Ali estão representadas as várias formas de letra em uso nas diferentes épocas, desde as graciosas curvas unciais e das elegantes rectas do gótico minúsculo, aos pesados caracteres latinos dos séculos XVII e XVIII.

Na Sé de Lisboa existe emfim um verdadeiro museu de epigrafia portuguesa.

Diversos autores têm dedicado às inscrições da Sé algumas páginas dos seus valiosos trabalhos, mas, quasi sem excepção, aproveitando uns o que escreveram outros, ou fazendo leitura apressada e, por isso, em geral, incorrecta.

No primeiro caso está, por exemplo, o Abade Castro, dando-nos ¹

¹ «Monographia da Egreja Matriz da Cidade de Lisboa», in *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2.ª série, 1875.

como existentes algumas inscrições que evidentemente não se deu ao trabalho de procurar e, ou já não existiam, ou se encontram bastante alteradas. No segundo caso está Castilho¹ que, quasi sempre, fez leitura imperfeita.

No entanto Castilho, se bem que não fôsse epigrafista, como elle mesmo declara, trabalhou com toda a honestidade e dá-nos como existentes apenas as lápides que viu. Não leu bem, mas nunca inventou. No seu monumental trabalho, tinha de atender a tudo e não pôde dedicar à epigrafia o tempo que seria necessário. Nem mesmo teria tido facilidade em tal labor, visto a Sé estar ainda pejada dessas construções de que Fuschini a libertou e encobriam decerto muitas inscrições como, por exemplo, as das campas da capela de Bartolomeu Joanes.

É claro que não tenho a pretensão de produzir trabalho perfeito. Há mesmo interpretações que considero duvidosas; mas, como não tive de desviar a minha atenção para o estudo doutras partes da velha catedral, procurei empregar todo o cuidado no exame daquelas pedras que o rolar dos séculos foi gastando, e hoje já mal nos transmitem nomes ou datas que deviam perpetuar².

I

... : IACET : SIMON :
 RCVS : DE
 A : IN : ANNO
 MC ... C

No espaço que medeia entre o penúltimo e o último botaréu do lado do Norte existe uma pedra, carcomida pela velhice de muitos séculos, onde a custo se lêem os restos duma antiga inscrição sepulcral cujos caracteres, na maioria romanos com alguns unciais, indicam uma idade que a coloca num dos dois primeiros séculos da nossa Monarquia.

Perante tal idea, surge naturalmente a dúvida duma tam longa existência em edificio assaz martirizado por diversos abalos sísmicos,

¹ *Lisboa Antiga*, tomo III.

² Cumpre-me fazer aqui os meus agradecimentos ao dedicado pessoal das obras de restauração da Sé, pelas facilidades que sempre me foram prestadas e pela gentileza com que sempre fui atendido por todos, desde o illustre director, o intelligente architecto António Couto, e o seu valioso auxiliar S.^o Soares O'Sulivand, até os amáveis apontador, mestre e encarregado em quem constantemente encontrei a mais agradável boa vontade, tam rara nestes nossos dias, durante as minhas frequentes e demoradas visitas ao venerando monumento.

com as correspondentes obras de reconstrução. Mas, até sem darmos demasiado crédito ao que ainda se distingue da última linha e deve evidentemente corresponder à data, o aspecto da inscrição, a forma de certos caracteres, por exemplo N e O, a escassez das letras unciais que representam aproximadamente um terço e até o sítio em que está colocada a pedra, fazendo parte duma parede considerada como primitiva: são, a meu ver, razões para ponderar.

Das construções que foram sucessivamente encostando-se à igreja, para o poente do transepto, a primeira, de um só andar baixo e abobadado, deve ter sido levantada ainda no fim do século XII. As que se lhe seguiram, até a porta lateral, datam do século seguinte. Isto é: todos aqueles velhos muros são anteriores ao século XIV. Posta, além disso, de parte a hipótese da inscrição ter sido aberta nesse século, em cujo princípio a escrita uncial se encontra já completamente constituída, nem mesmo será para notar o referir-se ao *anno Domini*, que aliás não se lê, pois alguns exemplos há, embora eu nunca os encontrasse, de datas referidas não só ao ano do Senhor, como ao da Encarnação, etc., muito antes de 1422.

II

HIC : IACET . DŌN'

FR...NCVS

Na face virada ao levante do penúltimo botaréu, vê-se esta inscrição em duas linhas de grandes caracteres romanos e unciais, estes em muito pequeno número.

Na 1.^a linha, cuja leitura não oferece dúvidas, há digno de nota a geminação das três primeiras letras da palavra *jacet*. A palavra que julgo ver na 2.^a linha encontro-a, ainda que não como nome próprio, numa inscrição do século XII, pertencente à linda igreja de S. Tiago de Coimbra e que se encontra hoje no Museu do Carmo.

Duas grandes letras que se vêem junto a esta inscrição não lhe pertencem. Além de estarem abertas noutra pedra, são de época algum tanto posterior.

III

: AQⁱ : IAZ : MAESTRE : LO(PO?) CIDA(D)
 AO : DE : L^sSBOA(T)ESODREIO (DEL REI)
 : NOSO : SEN(HOR)..... : E PA(SOU).....
 : DIAS : ANDA(D)O(S : DE).....(E : M̄) :
 : CCC XL : (AN)O(S :) A : (QUEM) : DEV^s
 : DE : (REPOU)ZO : AMEN

A mais antiga inscrição sepulcral que encontro¹ no interior da Sé de Lisboa está esculpida, em pequenos caracteres unciais, numa pedra do muro do claustro, próximo onde vêm encostar, do lado norte, as capelas do deambulatório. A pedra, bastante corroída pelo tempo, mostra-nos pouco mais de metade de cada uma das seis linhas em que está escrita. No entanto, exceptuando o nome, o dia e o mês do passamento da pessoa a quem se refere, julgo que pode completar-se sem grande dificuldade.

IV

.....NA : MARIA :
FOI : DE : PA
: SOR DO : EN
S : ANDADOS
Ċ : XLVI : AN^s
: POR : SA : AL

Fragmento de inscrição de caracteres unciais. Ignoro onde foi encontrado. Tem por baixo um escudete com três ou quatro bandas.

Estas poucas linhas, escritas há seiscentos anos, trazem-nos ainda o eco dolorido duma voz que implora uma oração.

V

AQ : IAS : P : MRZ : DA : ALFAMA : QFOI
 ALMOXARIF(E : DE :) LIXBOA : E : PASSOU
 XI : DIAS : ANDADOS : DE : IUNHO : Ę : Ę :
 ĊĊĊ : LII : ANOS : E : MANDOU : FĀZ
 DOUS : CRUZEIROS : NA : CRASTA :
 DANTESI : POR : SA : ALMA : CUIA
 ALMA : IAZA : I : CŌ : DÑS : AMEN

Ao canto do claustro, próximo à capela de Santo Aleixo, estava uma pedra metida na parede, sob um arcossólio, que, decerto por fortes razões, foi arrancada e se guarda hoje, num pequeno recinto vedado juntamente com outras lápides e diversos fragmentos arquitectónicos encontrados nas obras de restauração e a que chamam o *Museu*. Nessa pedra lê-se, em caracteres unciais ainda bem visíveis, esta inscrição.

¹ Verão de 1925.

Pedro Martins da Alfama vem mencionado nos tomos II e III da *Lisboa Antiga*, respectivamente a pp. 93 e 285.

VI

HIC : IACET : IOHÃÑS :
 FUE : PRESBIT̃ : HUIUS :
 EC̃CE : CAÏC' : Q̃ : OBIT :
 NŌIS : AGT' : Ē : M̃ : C̃C̃C : L̃ : III :

São dos mais lindos caracteres maiúsculos que tenho visto. Esta pequena lápide estava na parede da capela de S. Sebastião¹.

VII

: ...UI : IAZE : GONCAL
 LO : GONCALUES : PRIOL :
 Q FOI DE SAN SALVA
 ...R DE MONSANTO : SO
 ...NHO : D̃ BISPO : DŌ FERNĀDO
 ...OIBRA : Q̃ : PASOU : Ē LISBOA : E : D̃S
 ...A : MERCEE : ALMA : ERA : M̃ : C̃C̃C : LŪ :



Caracteres unciais bastante imperfeitos.

Esta inscrição encontra-se numa campa, hoje deslocada do seu primitivo local, e está escrita aproximadamente do meio para um dos lados, no sentido do comprimento da pedra, dando a impressão de que foi gravada para aproveitar a sepultura.

O Bispo D. Fernando, eleito em 1302, pouco tempo ocupou o seu lugar, «pois em 18 de Setembro do ano seguinte a Sé estava vaga»².

VIII

- 1) AQUI : IAZ : DONA : GRACIA : MADRE : DO CONDE :
 DON : P̃ :
- 2) FILHO : DELREI : DON : DENIS : E PASSOU : NA : Ē :
 D : M̃ : C̃C̃C : LX
- 3) ANNOS : XXIJ : DIAS : DE : DEZEMBRO : ROGADE :
 A : D̃S : P̃ : ELA

¹ Castilho, *Lisboa Antiga*, t. III, p. 250.

² Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*.

- 4) ET : ELA : MĀDOU : FAŽ : ESTA : CAPELA : PERA :
SI : E PERA : SA : MADRE : DO
- 5) NA : I'TA : I PERA : SA : IRMAA : M̃ : ANS : I
LEIXOU : HI DO' : CAPELAAES
- 6) PERA : SENP̃ : I AO : CABIDOO : LIJ̃ : LBRS̃ : PERA :
A FESTA : DE SAN : ĞVAS
- 7) ET : PERA : VIIJ : ANIŪSAYROS :

Quando em Dezembro de 1920 se arrancavam os azulejos com que no século XVIII tinham revestido interiormente as paredes da igreja, encontrou-se no tampo sul do cruzeiro um túmulo em cuja face se vê esta inscrição que, pouco depois, foi publicada¹, com interessantes comentários, pelo erudito professor e arqueólogo S.^{or} D.^{or} Vergilio Correia.

Nada tenho, pois, a dizer acêrca dessa formosa dona, nem da sua capela, por tantos anos oculta. Há apenas um ponto que não julgo bem esclarecido. Joseph Freire de Montarroyo e, depois d'ele, quantos têm falado da que foi a *madre do conde don P.^o*, dizem-na filha de D. Catarina Domingues. Agora vem ela declarar-nos que a mãe se chamara D. Justa (I'TA) e que uma sua irmã era Maria. Ora não consta que João Fróis tivesse filha dêsse nome ou outra mulher que não fôsse D. Catarina. ¿Seriam D. Gracia e a mencionada irmã filhas bastardas, ou não seriam filhas de João Fróis?

IX

- 1) AQUI : IAZ : BERTO
- 2) (L)AMEU : IOANES : CIDADAAO : QFOI : D : LIXBOA :
A : Q : DS : PDOE :SSOU : XXX : DIAS : DE :
NOUENBRO.....
- 3)CCC : LXII : ANOS :

Lêem-se estes dizeres no bellissimo túmulo dêsse misterioso Bartolomeu Joanes, que uns têm por fidalgo estrangeiro, e outros por opulento negociante. Há quem o suponha simples tabelião e quem, interpretando mal certo passo do seu testamento, o julgue até compadre do próprio Rei; mas cujos sócios eram apenas mercadores.

¹ No jornal *A Pátria*, de 29 de Dezembro de 1920.

X

HIC : IACET : ROÑIC' : GALE
 ANI : ĤSBĒ : DETUABO(?) : HUI' :
 ECĈE : PORCIONARI' :
 Ĕ : Ĥ : CĈC : L : XX

Castilho¹ leu *Gule...mi* e errou-lhe a data. O Abade Castro² leu *Galen* e depois da palavra *presbiter*, que leu bem, fantasiou um *optimo viro*, que evidentemente lá não está. Na palavra *porcionarius* não há dúvida.

XI

- 1) AQⁱ : IAZ : LOPO : FERNĀDEZ : PACHECO : SENHOR :
DE
- 2) FERREIRA : E : MOORDOMO : MOOR : DO : IFANTĪ : DO
- 3) M : PEDRO : E : CHĀCELER : DA : RAINHA : DONA :
BEATR
- 4) IZ : OQVAL : FOI : MERCEE : E : FEITVRA : DELREI :
DOM : AFO
- 5) NSO : OQ̄RTO : E : FOI : CŌEL : NA : LIDE : Q : OUUE :
CŌ : ELREI D
- 6) E : GRAADA : HU : ESTE : REI : FOI : FAZER : AIUDA :
A : ELREI :
- 7) DOM : AFŌSO : DE : CASTELA : Q̄NDO : ELREI : DE :
BENAMA
- 8) RIN : IAZIA : SOBRE : TARIFA : NA : ERA : DE : MIL :
E : CĈC : E :
- 9) ĤĤĤ : E : VIII : ANOS : AO : Q̄L : LOPO : FERNĀDEZ :
FOI : EN
- 10) AUINHON : DADA : CŌ : GRĀDE : HŌRA : PLO : PAPA :
BE

¹ *Lisboa Antiga*, tómo III, p. 283.

² «Monographia da Igreja Matriz da Cidade de Lisboa», in *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2.ª série, 1875.

- 11) NEDITO : HŪA : ROSA : DOURO : QUE : ELE : CON :
GRĀDE :
- 12) HONRA : POS : ĒN : ESTA : SĒE : TANTO : Q̄ : DALA :
CHEGO
- 13) U : OQUAL : FOI : CASADO : CON : DONA : MARIA :
FILHA
- 14) DE : DOM : RUI : GIL : DE : UILA : LOBOS : E : DE :
DON
- 15) A : TAREIA : SANCHEZ : Q̄ : FOI : FILHA : DELREI :
- 16) DOM : SANCHO : DE : CASTELA : E FOI : EN : TERRA
- 17) DO : EN : ESTE : MOIIMENTO : XX : E : NOUE : DIAS :
- 18) DE : DEZENBRO : DA : ERA : DE : MIL : ČČČ : E :
LXXX :
- 19) E : SETE : ANOS :

Na capela de S. Damião e S. Cosme, cravada na parede, por cima do formoso túmulo de Lopo Fernandes Pacheco, está esta conhecida inscrição que Gabriel Pereira reproduz num interessante artigo publicado na *Arte Portuguesa*¹. Pena foi que não verificasse a sua leitura, limitando-se a copiá-la da *Lisboa Antiga*², onde a data da deposição *en este moimento* está errada.

XII

AQI : IC... S : ALMOXA

RI... I

..... E : QE : FOI : DELREI : E SA MHOHER.....

.....

..... COONIGO : DEUORA : COTADOR : DEL : REI :

E : PAS^o..... : M^t : E : CCCC : E : UII

É uma linda campã, infelizmente mutilada, vendo-se-lhe em volta parte duma inscrição de rudes caracteres unciais e ao centro, em relevo, uma espada que tem de um lado um pendão com uma vieira e uma flor de lis, e do outro, suspenso de enorme cravo, um escudo,

¹ Ano 1, n.º 1, Janeiro de 1895.

² Têmo III, p. 237.

em cuja forma se quis porventura representar uma caldeira, com umas armas muito semelhantes às que ornamentam o túmulo de Bartolomeu Joanes.

Que este *almozarife que foi delrei* era próximo parente do grande amigo de D. Denis, mostra-o não só a quasi conformidade do brasão, como o facto de a campa ter vindo da capela de S. Bartolomeu.

Como curiosidade, noto que um *Bartolomeu* Gomes foi *contador da casa del Rei*, em tempos de D. João I que, por sinal, já a bordo, de partida para Ceuta, o encarregou da cobrança e dispêndio de parte dos rendimentos reais¹. A época, o nome e o cargo, que poderia ter herdado, pelo lado materno, dêsse cónego de Évora, levam a pensar na possibilidade de ser filho do almozarife que longos séculos jouve debaixo desta pedra.

As letras que completam a última palavra da 1.^a linha devem ter sido gravadas depois da mutilação do canto superior da lousa. A última linha está escrita por baixo da 1.^a

XIII

AQI:(I)AZ:CRARA:A

FONSO THIA:DE:

DOM FERNANDO:

ARCEBPO:D:BRAGAA·:

Junto ao primeiro arco, contando do Nascente para o Poente, na galeria do sul do claustro, lêem-se, não sem custo, estas quatro linhas esculpidas em caracteres unciais bastante apagados.

Ignoro quem fôsse esta D. Clara. O sobrinho era evidentemente D. Fernando da Guerra, filho de D. Pedro da Guerra e de D. Teresa Andeiro, que foi Chanceler-mor, primeiro Regedor do Reino, Bispo do Pôrto e depois Arcebispo de Braga.

Foi este altivo prelado que, quando o afrito Rei D. Duarte hesitava se daria Ceuta pelo Infante Santo, se opôs à entrega da praça.

D. Clara, dizendo-se sua tia, deverá ser irmã do pai ou da mãe, mas D. Pedro, consta que só teve uma irmã a que os genealogistas chamam D. Inês e é mesmo natural que nesse caso ela se intitulasse antes filha do Infante D. João do que tia do Arcebispo de Braga; e a D. Tereza só se lhe conhece uma irmã, D. Sancha, que foi mulher de Álvaro Gonçalves de Azevedo. Teria o conde João Fernandes ainda outra filha?

¹ A. Braamcamp Freire, *Um aventureiro na empresa de Ceuta*.

XIV

EST.....RA HE DE MARTIN UICENTE

Esta breve inscrição está na cabeceira duma campá em que se vê gravada, ao centro duma linda composição architectural gótica, uma figura de face imberbe e mãos esguias em atitude de orar. Fartas madeixas de cabelo saem-lhe dum pequenino barrete e veste uma ampla dalmática sôbre comprida alva que, em elegantes pregas, lhe encobre completamente os pés.

É Martim Vicente, «procurador na audiência dos vigários em Lisboa», que foi compadre e testamenteiro de Bartolomeu Joanes.

Não são vulgares estas campas com figuras gravadas. No claustro de S. Francisco existe um curioso fragmento duma, aproveitado para a bôca da cisterna.

XV

- 1)
- 2)RAL : D SATAREM : MCADOR : D L'XBOA : A Q :
DS : PERDOE : E COMPAN
- 3) HO : D : BOTLAMEU : IHIS : E PA
- 4) SOU : NA FEGUESIA : DA MADALENA : E : PASSOU :
EN Ô MES : DE.....NA : E.....

XVI

- 1) Ê NOME : DE : D̄S : AMĒ : AQUI : IAS :
 - 2)E.....NPANHO : D : BTOLA
 - 3) MEU : IHS : ' : MORAD.....A : NA : FREEGUE
 - 4) SIA : D : SA.....SOU : EN O MES : DE :
- DE : M : CCCC....NOS :

São as campas de dois companhões de Bartolomeu Joanes, a quem êle no testamento concede sepultura na sua capela da Sé.

É curioso que um e outro invoquem essa qualidade de *companhõ*, que lhes dava o direito de ali jazerem. Creio que a decifração destas lápides vem talvez esclarecer uma antiga dúvida. *Companhon*, ou *companhõ*, não era simplesmente o *companheiro*, como têm suposto certos autores, sem se lembrarem que essa palavra, que tanto os fez scismar, poderia ter tido uma significação diversa da que hoje lhe damos. *Companhõ* era o sócio¹, e se estes homens eram merca-

¹ Viterbo, *Elucidario*, s. v. *companhom*.

dores, como numa das campas se declara, o seu sócio terá sido mercador também.

Pena é que ambas as pedras estejam uma mutilada, outra absolutamente ilegível por gasta, na parte onde estavam gravados os nomes.

Um dos companhões mencionados no testamento é João Domingues. Ora a fl. 70 v do livro 2.º de *Direitos Reais*, existente na Torre do Tombo, encontro um João Domingues, que vende ao Rei D. Denis a metade de «hũa tenda nesta cydade de lixboa aas fangas velhas freguesia da madanella». Será o mesmo? ; Terá sido a sua uma destas campas? ; E até, quem sabe, a amizade ou o reconhecimento por qualquer serviço prestado não terão levado Bartolômeu Joanes a deixar determinada quantia para a construção da ponte sobre o rio de Pontével, no caminho de Santarém?

Na parte central da primeira destas duas lápides acha-se um desenho, gravado a ponteiro, composto por uma circunferência dividida por dois diâmetros perpendiculares, dos extremos de um dos quais partem para a direita duas tangentes paralelas cortadas por uma linha perpendicular. No prolongamento dêsse diâmetro eleva-se uma pequena cruz.

Que estas composições, que se notam em certas pedras sepulcrais, não podem ser consideradas como simples motivos de ornamentação parece-me evidente. Ou elas sejam distintivos pessoais, ou, como me sugeriu o distinto arqueólogo e meu amigo S.º Coronel Garcez Teixeira, emblemas de corporações, aqui deixo apontado o assunto que me parece interessante e para o qual chamo a atenção dos investigadores.

Noto efectivamente o facto de nunca se me ter deparado nenhum dêsses sinais em campa de nobre ou eclesiástico, ao passo que, sem me afastar da capital, tenho encontrado os seguintes :



Fig. 1

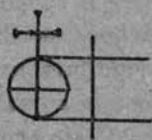


Fig. 2



Fig. 3

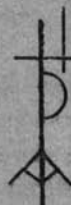


Fig. 4



Fig. 5

Na sepultura dum tabelião, fig. 1, Sé de Lisboa; na dum mercador, fig. 2, idem; na dum alfageme, fig. 3, Museu do Carmo; na dum alfaiate, fig. 4, idem; e ainda outro, fig. 5, numa campa trapesoidal anepígrafa encontrada recentemente no Largo de S. Domingos e recolhida no referido Museu. Seria interessante encontrá-los repetidos em sepulturas de indivíduos que tivessem pertencido às mesmas corporações.

XVII

:AQ^I:JAZ:FERNÃ:GUYLHELME:DELUAS:COONIGO:DE
LIXBOA:

Deve ser um parente daquele Gil Fernandes de Elvas, que

De Xerez rouba o campo & quasi alaga
co sangue dos seus donos castelhano¹.

A inscrição está no rebôrdo da tampa duma singela arca tumular em cuja face apenas se vêem dois escudos com seis besantes ou arruelas.

XVIII

AQ^I:JAZ:.....ANES:SOBRINO
D:^EM:.....S:MS:TABALEON
SE.....

No parapeito dum dos arcos geminados da galeria oriental do claustro distingue-se ainda este fragmento de inscrição em velhos caracteres unciais.

É curioso que neste mesmo recinto se encontra, noutra inscrição, igual referência a um tio. São aliás vulgares estas referências a parentes illustres ou, pelo menos, mais conhecidos.

Ocorre-me a idea de que este tio seja aquele tabelião Domingos Martins que, no dia 28 de Novembro do ano de 1324, foi à tôrre da Escrevania, «onde jazia em sua cama» o honrado Bartolomeu Joanes, lavrar-lhe o testamento, como nos conta Herculano².

XIX

Û:ÂÑS:Â^MT:E.
UASALO·DEL
REI

No deambulatório, à esquerda de quem entra pelo lado da Epístola, deparam-se-nos uns lindos caracteres dos que chamam monacais alemães, e Castilho afirma que se referem a Vasqueanes, tabelião dos Reis Afonso IV e Pedro I. Tenho minhas dúvidas: a abreviatura de Vasco não se escrevia assim.

¹ Camões, *Lusiadas*, canto VIII, est. 34.

² *Panorama*, tómo IX, p. 42.

XX

- 1) AQ¹ : JAZ DOM JOH̄M OPRIMEIRO : ARCEBIPO : D :
LIXBOA : E P
- 2) ASOU III DIAS
- 3) D M̄CO : E D MIIIIXL
- 4) ANOS

Pouco se sabe acêrca do primeiro Arcebispo de Lisboa. João Baptista de Castro¹ diz que era natural de Tomar, que foi cónego da Sé, «pessoa de merecida estimação por virtudes e letras», que em 1383 fôra eleito Bispo de Lisboa e onze anos depois elevado a Arcebispo; mas, como quási todos os que se occuparam dêle, altera-lhe a data da morte.

Esse erro vem de longe. O primitivo túmulo, assente sôbre quatro grandes leões de pedra, parece que embarçava algum tanto a capela. Pelo menos assim o entendeu o cónego Pedro Lourenço de Távora, que, como seu administrador, houve por bem (ou por mal) mandar fazer um desgraçoso ossuário para onde trasladou os ossos do Arcebispo. Não soube porém interpretar os velhos caracteres unciais, aliás bem legíveis, do desprezado túmulo quatrocentista, e onde estava M̄CO leu MAIO, data que desde então tem sido adoptada como verdadeira por quantos se não têm dado ao trabalho de atentar para a primitiva inscrição.

O Abade Castro², dos raros que mencionam o mês de Março, apresenta-nos a inscrição não só bastante alterada na parte que poderia ter lido, mas prolonga-a, o que um simples exame do túmulo mostra ser pura fantasia, e Castilho³, que pretende corrigir a leitura de Coelho Gasco, parece não ter suspeitado da existência do primeiro túmulo. Pois até os leões, que tanto incomodavam o activo administrador da capela, creio que ainda para lá estão, o que infelizmente não succede com a tampa, talvez uma dessas interessantes tampas com a figura jacente do velho Arcebispo, que desapareceu.

Em ambos os sarcófagos se vêem umas armas esquarteladas, que devem ser as dos Portocarreiros e as dos Silvas. Não encontro outra referência à família de D. João Anes. Apenas se sabe que foi se-

¹ J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*, 5.ª parte, p. 172 da 1.ª edição.

² «Monographia da Igreja Matriz da Cidade de Lisboa», in *Boletim Architectonico e de Archeologia*, 2.ª série, 1875.

³ *Lisboa Antiga*, t.º III, pag. 244, nota 3.

pultado na capela de S. Sebastião «por ser parente do Arcebispo de Braga D. João Martins de Soalhães que a fundara»¹. Ora um filho de Lourenço Anes de Portocarreiro, Rui Lourenço, foi casado com D. Maria Anes, que era filha do Arcebispo D. João de Soalhães, e a um bisneto destes, João Rodrigues de Portocarreiro, que casou com D. Mecia da Silva, filha de João Gomes da Silva, dão os genealogistas um filho que dizem bastardo, mas não nomeiam.

Pelos escaques dos Portocarreiros ligados ao leão rompante dos Silvās, e pela época em que viveu, não será muito desacertado perguntar se esse desconhecido, descendente do Arcebispo de Braga, não poderá ser o pouco conhecido Arcebispo de Lisboa.

XXI

.....
 VIOLAMTE NUN.....MOLHER Q FOI
 DE M̃TIM A D.....A DA LAPA

No pavimento duma das capelas afonsinas, um dos raros que o terremoto e as obras de restauração deixaram incólume, vêem-se dois pedaços da primitiva campa da «muito honrada e virtuosa dona Violante Nunes», mulher de Martim Afonso da Bôca da Lapa, «provedor que foi destas capelas del Rei dom Afonso o 4.º».

São góticos, do fim do século xv, os caracteres da inscrição, que está quasi completa e foi inutilizada pelo administrador da capela, Cristóvão do Carvalhal, em 1583.

É curiosa a existência destes fragmentos junto da pedra que veio substituí-los e de que adiante falarei. Não os tirem de lá. Não corroborem o desatino do pobre administrador quinhentista.

XXII

- 1) ESTA SEPULTURA HE DE DI
- 2) EGUEANES RĒDEIRO Q̄ FOI DAS RĒDAS (?) DELREY E
DE SUA MOLHR
- 3) CATLINA DNZ E DE TODA SUA
- 4) GERACĀ O Q̄L SE FINOU .XXI DIAS DE FEUERº Ē
DO NACIMĒ^{TO} DO S^{OR} DE
- 5) MIL III^C LXIII

Caracteres góticos bastante apagados.

¹ J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*, 5.ª parte.

Deslocada também do seu primitivo lugar, esta campa faz hoje parte do já muito interessante *Museu*, provisoriamente instalado no claustro, onde, muito embora estejam reunidos importantes elementos de estudo, não deveriam, a meu ver, figurar as campas, que melhor estariam nos seus antigos lugares. O verdadeiro museu é todo aquele venerando edificio, em que tanto destoam certos pavimentos de banalissimo xadrez ou de simétricas lajes de recente aparelho.

XXIII

- 1) ESTA SEPULTURA HE DE MANUEL FREIRE C'ADO DO CÔDE DE BORBA E
- 2) CAUALRº DA CASA DELREY ANDOU MTO TPO E AFRICA NA GERRA DOS
- 3) MOUROS E SÊUIO EM M^{TAS} COUISAS E POR SERUICO DE D̄S UEO MO
- 4) RER NESTAS CAPELAS DELREY DÔ Aº NA SEE DE LIXBÒA ERA DE 1S23

Na estreita passagem que do deambulatório conduz ao claustro, a pouco mais de meia altura da parede, lê-se esta inscrição de belos caracteres góticos, que tanto intrigou Castilho. «Não percebo», diz, «o que o redactor do epitáfio entendia pelas palavras *veio morrer nestas capelas*; çalude-se acaso a morte repentina sucedida ali a Manuel Freire? çou estará a negacear-nos naquela lápide alguma acepção desconhecida do verbo «morrer» por «jazer ou ser sepultado»? ¹».

Nem uma nem outra cousa. Castilho não se lembrou de certas vozes que haviam corrido acêrca duns amores de Manuel Freire com a filha do Regedor Aires da Silva. O que tenha havido de verdade em tais dizeres, cujo eco infame chegou até nós, não é hoje fácil de averiguar; mas um dia em que, descuidado, Manuel Freire passava à porta da Alfofa, é traiçoeiramente atacado e ferido de morte.

O resto supõe-se. Da porta da Alfofa, que por triste coincidência ficava em frente do *Bêco da Amargura*, trazem-no para a Sé, ou talvez êle próprio, sentindo-se perdido, procurasse êsse refúgio. O trajecto não era longo e vinha dar quási em frente da porta lateral da igreja, por onde deve ter entrado para ir acabar no corredor das capelas afonsinas.

¹ *Lisboa Antiga*, tómo III, p. 287.

XXIV

AQ¹ JAZ RUI GE^A E SEU F^O RUI
 GE^A DA COSTA Q̄ FOY ESPUĀ DA
 CASA DE CEITA Q̄ ESTA S^A MĀ
 DOU FAZER FAL^{CO} A 14 DE JA^O D
 1S48

Inscrição de grandes caracteres góticos, bem conservados, num fragmento de campa.

Quem fôsse êste escrivão da Casa de Ceuta, que outros mais ditosos consigam sabê-lo. Nas chancelarias de D. Manuel e D. João III não encontrei documento que se lhe refira, o que evidentemente não quiere dizer que lá não exista.

XXV

ESTA SEPULTURA HE DE
 JNES EAÑS · SOB¹NHA · DE UCT DOĪZ
 BOLHÕ

Esta inscrição foi publicada por Castilho na *Lisboa Antiga*¹ e por Luciano Cordeiro na *Arte Portuguesa*². Ao primeiro, pela leitura errada que fez, afigurou-se-lhe impossível saber quem fôsse «esta Inez Eanes que para ser conhecida precisara citar o nome do tio Vicente»; ao segundo, depois de nos expor toda a linhagem dos Bulhões, não parece provável que alguma das irmãs de Vicente Domingues seja a mãe de Inês, «cuja paternidade modestamente se esconde na prosápia do tio, espécie de conservador ou agente oficial dos negócios das colónias estrangeiras em Lisboa».

Efectivamente da mais velha, D. Sancha Martins, mulher de Soeiro Fernandes Alão, não consta que houvesse filha com êsse nome. Da outra, D. Dórdia Martins, conhecem-se: do primeiro casamento com Pedro Martins Botelho de Riba de Vizela, que foi alcaide de Sortelha, um filho, de nome Martim, e uma filha, D. Elvira Pires, que casou com Gomes Gonçalves Peixoto; e do segundo marido, João Raimundo de Pôrto-Carreiro, filho daquele Raimundo Viegas de Pôrto-Carreiro, que «veo huma noite a coymbra. . . . huu el Rei

¹ Tõmo III, p. 284.

² N.º 4, p. 92.

jazia dormindo em sa cama¹» e lhe roubou a Rainha D. Mecia, dão-lhe os genealogistas também um filho, Martim *Anes*, e uma filha, D. Maria *Anes*, mulher de João Pires Redondo.

¿Mas, não teria D. Dórdia outra filha que por ter morrido solteira, talvez até criança, os nobiliários esquecessem? ¿Ou, quem sabe, seria a pobre Inês uma bastarda de João Raimundo, que desse tratamento de tio ao bom homem cunhado do pai e porventura seu protector?

XXVI

ESTÁ SEPULTURA E DE YSAB
ELL MĒDZ SOGRA DE IORGE
DE QUEIROS E DE SEUS ERDEIROS

Ora diga lá o nosso D. Francisco Manuel que «estes soem ser uns mal-estreados parentescos»².

Lembro-me dum Jorge de Queirós, casado com Mónica Dias, cujo filho, Manuel de Queirós, passou à Índia em 1559.

XXVII

ESTA · SEPULTURA · E · D · FĒÑA · MÏZ · CAPATEIR ·
BEATRIZ · EANES E TĒ · Ē · ELLA · DOUS · FILHOS

Por aqui se vê que nem só as pessoas de elevada categoria eram sepultadas no deambulatório. Dum lado está efectivamente um tabelião del Rei, mas dêste outro está um pobre sapateiro. Pena é que a inscrição fôsse mutilada pela abertura duma porta que dá passagem para o altar-mor.

XXVIII

.....
.....
MORREU Ē SERUICO DO DITO S^{OR} HINDO CŌ ELLE
..... DE.....

¹ *Nobiliario* attribuído ao Conde D. Pedro.

² *Carta de Guia de Casados*.

Grande campa em muito mau estado. Da inscrição, de caracteres góticos, que a circundava, apenas se divisa a 3.^a linha, correspondente aos pés, e talvez as últimas letras da 2.^a, quando a pedra puder ser examinada noutra posição. Ao centro um grande escudo, de que se vêem ainda os 2.^o, 3.^o e 4.^o quartéis, com as armas dos Costas (1.^o ? e 4.^o) esquarteladas com as dos Homens. Está no *Museu*, onde existe uma outra campa com o mesmo brasão, mas em que se não distinguem letras. É provável que ambas tenham pertencido à mesma capela e acaso não será impossível a sua identificação. Não creio que seja a sepultura daquele Bastião Roiz, que *foi á Africa servir el Rei nosso senhor*, mencionado na «*Monographia da Egreja Matriz da Cidade de Lisboa*».

¿Quem terá sido este *Homem* e o *senhor* em cujo serviço morreu, indo com elle Deus sabe para onde?

Um João Fernandes da Costa, irmão do Bispo D. João da Costa, teve um filho, Diogo Fernandes Homem; aqui na Sé foi quartanário, no século XVI, Pedro Homem da Costa; e até um outro do mesmo nome passa por ter sido um dos doze de Inglaterra.

XXIX

AQVI FOI ENTERRADO ANT^o DE BARROS PROTO=
 NOTARIO PRIMEIRO CUBICULARIO APOSTOLICO
 ARCIPRESTE DE BRAGA CONIGO QUE FOI DESTA
 SEE FAMILIAR QUE FOI DO PAPA CLEMENTE 2^o
 CAMAREIRO DO PAPA PAULO 3^o VIVEO 60 AN=
 NOS FALECEO A 5 DE AGOSTO DE 1551 AN^{os} &
 IAS AQUI TAMBEM PEDRO RODRIGUES DE B=
 ARROS CONIGO QUE FOI DESTA SEE SEU=
 SOBRINHO MORREO DE 54 ANNOS A 10 DE=
 MARCO DE 1561 AN^{os} &
 PAULO BEZERRA DE BARROS CHANTRE E=
 CONIGO QUE FOI DESTA SEE SEU SOBRIN=
 NHO SE MANDOU TAOBEM AQUI ENTER=
 RAR FALECEO DE 56 ANNOS 10 MEZES E 12
 DIAS AOS 10 DE AGOSTO DE 1621 AN^{os} &

Estes três cônegos Barros estão sepultados à entrada do templo.

XXX

...DE SIMÃO RÔIZ DA I
 ...HA Q̄ D̄S TĒ Q̄ FALE
 ...EO AOS II DIAS DOV
 ...TR D IS...7 ANOS E DE
 ...VA MOLHER ISABEL DE
 ...E DE SEVS ERDEIROS
DE.....

Fragmento de sepultura. Estava no deambulatório, junto à capela de S. Cosme e S. Damião.

XXXI

S^A DE MARTIN · ^o A · DA · BOQVA · DALA
 PA · PROVIDOR · Q̄ · FOI · DESTAS · CA
 PLAS · DELREI · DÔ · A^o · 4 · OQVA(L)
 DEIXOV · ESTA CAPELA · DOTADA
 DE MT^{os} BĒS · CÔ OBRIGAÇÃO DE MI
 SA · CADA DIA · FALECEO · A 27 DA
 BBIL · 1449 ·
 TAÔBĒ IAS · A QI A M^o ONRADA E VER
 TVOSA DONA · VIOLANTE NVNE(S)
 SVA MOLHER
 XPVÃO DO CARVALHAL SERVĪ
 DO DE PROVIDOR · DE ESTAS CAPE
 ELAS · E DAMINISTRADOR DESTA
 MĀDOV · POR A QI · ESTA · CĀPA ·
 DE IANOR^o DE 1583 ·

Caracteres latinos. Algumas letras inclusas e geminadas.

Não foi somente o bom do cônego Pedro de Távora que, para melhorar a capela de S. Sebastião, atirou para um canto o túmulo do primeiro Arcebispo de Lisboa. Como se vê, a preocupação dos melhoramentos era antiga nos senhores administradores das capelas. E este Cristóvão do Carvalho, não sabendo talvez como gastar os

«muitos bens» deixados pelo velho provedor, resolveu substituir por esta as antigas campas que, partidas, foram empregadas na pavimentação da capela. Quis porém o acaso que dois fragmentos da de D. Violante ficassem visíveis e, juntos, reconstituam, como já vimos, as linhas principais da inscrição que tinha gravada, mantendo-se assim, em parte, a vontade dos dotadores.

XXXII

P. E T. M S

PETRI · LAVRENTII DE TAVORA
 CAN · PRAESB · HVIVS CAP · ADM
 INISTR · CORPVS LAPIS HIC VITAE
 RESERVAT · POSTERAE
 VIXIT ANN · LXII ·
 OBIT · MEN · FEBR · XIII ·
 ANN · DOMINI · M · D · LXXXV

Pedro Lourenço de Távora era, êle o diz numa inscrição que estava na capela de S. Sebastião cujo administrador foi, da linhagem do Bispo D. João de Soalhães. A sua campa lá está no chão, embora Castilho não a tenha visto.

XXXIII

AQUI JAZ O CORPO DE=
 DOM MIGUEL DE CAS=
 TRO ARCEBISPO QUE
 FOI DE LISBOA O QUAL
 PEDE HUM PADRE NO=
 SO E HUMA AVE MA=
 RIA FALECEO EM O PRI=
 MEIRO DE JULHO DE=
 1625 ANNOS

Castilho inclina-se a que esta inscrição fôsse renovada, pois difere da que João Baptista de Castro publica no *Mapa de Portugal*. Não me parece porém que haja motivo para tal suposição. João Baptista de Castro é que não copiou o que lá está.

XXXIV

S^A DANTONIO MILH=
 EIRO ABBADE, QVE
 FOI DE POROZELLO.
 TERCENARIO NA SEE
 DE BRAGA E QVATA
 NARIO NESTA DE LX.^A
 PEDE
 HVM PADRE NOSSO
 FALECEO
 EM 21 DE MAIO ANNO
 DE 1662
 OS IRMAÔS DESTA CAPELLA
 LHE DERAM NELA LIVREM^{TE}
 ESTE LVGAR POR CVIA
 REMVNERAÇAM ELLE
 LHES DEV TAMBEM LIVREM^{TE}
 O IAZ^O ABAIXO, Q̃ PEDIO
 AO R.^{DO} CABIDO E FES A SVA
 CVSTA.

«Antonio Milhr^o capellão cantor desta See o Maior contra baixo q̃ ha agora en Portugal segundo se diz comumente¹», figura como padrinho no registo de baptismo duma filha do sapateiro Gonçalo da Costa, em 7 de Janeiro de 1596.

XXXV

ESTA · S^A · E TODO · ESTE
 IAZIGO HE D MEL^{EL} CAMPEL
 LO DANDRADA CIDADÃO
 DESTA CIDADE E DE SVA MER^{ER}
 MARIANNA PR^A DE Q̃ O M^{TO}
 R^{DO} CABB^O LHE FES MR^{CE}

¹ *Registo da Freguesia da Sé*, por E. Prestage e Pedro de Azevedo.

PA SI SEVS HERDEIROS E
 DESCENDENTES EN REM
RACAÕ DA...ER POSTO
ESTA CRVX E.....O
A SVA CVSTA
 ...SE LHE.....
 A S DE S.....
 Q̃ ESTA NO ARQ.....
 M^{TO} R^{DO} CABB^O.....
 A.....
 VRO DAS.....

Castilho publica esta inscrição como a leu e, além disso, transcreve-a completa doutro autor¹.

XXXVI

AQVI IAS O CORPO
 DO D^{TOR} PANTALEAO
 ROIZ PACHECO QVE
 FOI CONEGO DESTA
 S^{TA} SE DE LISBOA...

Está na sacristia. A *Lisboa Antiga*² dá-nos as duas últimas linhas desta inscrição. Há porém vestígios doutras letras.

XXXVII

AQUI IAS O DOVTOR IO
 AO DE AZEVEDO COLLE
 GIAL QVE FOI DO COLLE
 GIO REAL NA VNIVERSID
 ADE DE COIMBRA LENTE
 DE PRIMA DE CANNONES

¹ *Lisboa Antiga*, t^{mo} III, p. 287.

² T^{mo} III, p. 370.

IVBILADO E RECONDVZI=
DO NA MESMA EACVLDA=
DE CONEGO DOVTORAL
NESTA SEE DO CONSELH=
O DE EL REI NOSSO SENH=
OR E DO GERAL DO SAN=
TO OFFICIO DEZEMBAR=
GADOR DO PACO FALEC
EO EM 19 DE NOVEMBRO
DE 1697

Esta campa está também na sacristia.

XXXVIII

AQVI · IAZ · DOM · Í · PR · AR
CE · BPÕ · DE · LX^A · E PASOV
III · DEMAIO · ERA · DE ·
M · CCCC · E · XL · ANOS ·

Esta é a inscrição publicada por Castilho, a que há pouco me referi.

XXXIX

.....E ALVARO F.....
.....O DELREI NO....
.....SNOR E DE SVA...
.....

Fragmento de sepultura. Caracteres do século xvii.

XL

O P^E SIMAÕ DE FRA
NCA NATVRAL DE
SANTAREM QVE
MANDOV FAZER
ESTE LAGEAM.^{TO}
IAZ AQVI POR SVA
ALMA...PADRE
NOSSO.....

Esta lápide estava no pavimento da galeria do claustro, defronte da capela do Senhor Jesus da Boa Sentença¹, donde foi retirada com todas as que por lá havia. Aquilo agora está mais bonito. Parece novo.

Se bem me recordo, ainda há poucos anos esta família tinha uma casa nobre próximo a Santarém.

XLI

ESTE · IAZIGO
HE DA IRMA
NDADE · DA
V · E M · SAN
TA CATHERINA

Esta inscrição, encimada pela roda de navalhas de Santa Catarina, diz-nos Castilho que estava no claustro.

XLII

E
.....
G
HE.....
SE
FALE.....
DE.....

Fragmento ilegível. Campa. Caracteres do século xvii.

XLIII

DOM RODRIGO DA CUNHA,
PAY DA PATRIA,
COLLEGIAL DO COLLEGIO REAL,
DOUTOR NOS SAGRADOS CANONES,
ESCRITOR INSIGNE,
INQUISIDOR,

¹ *Lisboa Antiga*, tomo iii, p. 278.

BISPO DE PORTALEGRE, E DO PÓRTO,
 ARCEBISPO PRIMAZ, E DE LISBOA,
 CARDEAL NOMEADO,
 QUE NÃO ACEITOU POR LIBERTAR A PATRIA,
 GOVERNADOR DO REYNO,
 CONSELHEIRO DE ESTADO.
 FALECEO EM 3 DE JANEIRO DE 1643,
 DE IDADE DE 65 ANNOS.
 TRESLADOU-SE NO ANNO DE 1702 POR D.
 PEDRO ALVARES DA CUNHA, TRINCHANTE
 MÓR DE SUA Magestade. PEDE-SE HUM
 PADRE NOSSO, E HUMA AVE MARIA.

Esta inscrição, que se encontra no pavimento da nave esquerda da igreja, junto à porta-travessa, estava muito apagada, e assim a viu Castilho que a copiou da *História Genealógica*. Há anos porém foi restaurada, mas de forma tal que não só lhe não aproveitaram os caracteres ainda visíveis, como até nem sequer se preocuparam de lhes imitar a forma primitiva ou de lhes conservar ao menos as dimensões.

¡Fizeram obra asseada, não haja dúvida!

XLIV

ESTAS VINTE SEPVLTVRAS MANDOV FAZER
 O CONIGO IOAÕ FALCAÕ DE SOVZA PERA NEL=
 LAS SE EMTERRAREM OS POBRES DEZEMPARA=
 DOS DESTA FREGVEZIA DA SEE E LHE DEIXOV DES
 MIL REIS DE IVIRO NO SENADO DA CAMARA DES=
 TA CIDADE PERA DELLES SE PAGAR O COVEIRO
 Q̃ ABRIR AS SEPVLTVRAS E SE DIZEREM TRINTA
 MISSAS CADA ANNO NO OVTAVARIO DOS SANTOS
 PELLAS ALMAS DESTES POBRES DEZEMPARA=
 DOS E O VEADOR DAS OBRAS DESTA SANTA SEE
 COBRA ESTE IVRO E HE OBRIGADO PELLA ESCRI=
 TVRA Q̃ SE FES COM O DITO CONIGO IOAÕ FAL=
 CAÕ DE SOVZA A PAGAR AS COVAGES E MANDAR

DIZER AS TRINTA MISSAS A ESCRITVRA ESTA NO
 CARTORIO DO R.^{DO} CABIDO E OVTRO TRESLADO TEM
 OS IRMAOS DE S.^{TO} ALEIXO AVRELIO DE MIRANDA
 TABALIAÕ DO SENADO DA CAMARA FES ESTA ESCRI
 TURA

PEDESE HVM PADRE NOSSO E AVE MARIA
 PELLAS ALMAS DESTES POBRES DEZEPARADOS

Esta inscrição está numa lápide colocada na parede do claustro,
 entre a curiosa capela de Santo Aleixo e a de S. Miguel.

XLV

ALPHONSUS NOMINE QUARTUS
 ORDINE SEPTIMUS PORTUGALIAE REX
 OBIIT XXVIII MAII MCCCLVII
 PRIORI TUMULO TERRAEMOTU EVERSO
 HUC TRANSLATUS MDCCLXXXI

XLVI

BEATRIX PORTUGALIAE REGINA
 ALPHONSI QUARTI UXOR
 OBIIT DIE XXV OCTOBRIS ANNO MCCCLIX
 PRIORI TUMULO TERRAEMOTU EVERSO
 HUC TRANSLATA MDCCLXXXI.

Na capela-mor estão os túmulos do Rei Afonso IV e da Rainha
 D. Beatriz. Não vi a inscrição do primeiro por estar encoberta com
 o espaldar do dossel que cobre a cadeira de Sua Eminência o Senhor
 Patriarca: sigo por isso a leitura do abade Castro.

Acêrca dêstes túmulos, veja-se o que diz Vilhena Barbosa, citado
 por Castilho na *Lisboa Antiga*, tómo III, p. 262.

Lisboa, 1925.

J. M. CORDEIRO DE SOUSA.

«... there is hardly a custom or occult practice of the ancients
 which may not be traced somewhere or somehow amongst their mo-
 dern descendants ...».

ELWORTHY, *The evil eye*, London 1895, p. 364.